

O Rio Tietê, o Rochdale (Osasco) e a Construção Social das Enchentes: uma Trajetória, muitos Desafios (1951-2023)

Fábio Alexandre dos Santos¹, Gabriel Basili Romero Silveira²

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi apreender o processo de construção social das enchentes no bairro do Rochdale (Osasco), estado de São Paulo (Brasil) entre 1951 e 2023, captando seus impactos e desafios. Sob a conjuntura do processo de industrialização do país e sua concentração na grande São Paulo, aliado à atração de trabalhadores para a indústria, a urbanização crescente e desordenada tomou dimensões problemáticas. No período foi loteado e ocupado o bairro, na ilha de São João. O então loteamento do Rochdale, concebido para ser um bairro cooperativista, foi se transformando à luz das apropriações capitalistas que o configuravam sob o ordenamento da acumulação e da representação da desigualdade, inerente ao capitalismo e, nele, o problema das enchentes se avolumando. Para tanto, foram analisadas a historiografia sobre as temáticas envolvidas na problematização, material primário, como legislação e periódicos (jornais e revistas). As conclusões demonstram o processo de construção social das enchentes a partir de perdas humanas e materiais, a urgência e a execução de políticas públicas para seu enfrentamento, que mesmo não solucionando as ocorrências, parecem introduzir indicativos iniciais de um possível processo de gentrificação na região a partir da ação do Estado no enfrentamento das enchentes.

Palavras chave: Osasco, Rochdale, enchentes, construção social das enchentes.

¹ Doutor em História Econômica (Unicamp). Professor Associado do Departamento de Economia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Brasil. Orcid: 0000-0003-0537-1444. E-mail: fa.santos@unifesp.br

² Graduado em Ciências Econômicas (Universidade Federal de São Paulo - Unifesp). Orcid: 0009-0008-2683-9935. E-mail: gabriel_basili@hotmail.com

O objetivo deste artigo é refletir sobre como ocorreu a construção social das enchentes/ inundações no bairro do Rochdale, na atual cidade de Osasco, estado de São Paulo (Brasil), no período de 1951 a 2023, captando seus impactos e desafios. A hipótese aventada é que as diferentes intervenções sobre o rio Tietê e o bairro do Rochdale, assim como as relações que se estabeleceram a partir da população que o ocupou, foram responsáveis por esta construção social, gerando problemas, demandas e implicações peculiares ao bairro.

Para tanto, o estudo procura captar a totalidade dos fenômenos que o envolvem, alicerçado teórica e metodologicamente, numa abordagem interdisciplinar a partir das contribuições da história econômica, à luz das transformações materiais sob o modo capitalista de se produzir e suas formas de reprodução, captando causas e efeitos para a sociedade³, da história ambiental, focado nas relações e ressignificações entre humanos e não-humanos ao longo do tempo no que se chama de natureza⁴, da economia ecológica, considerando os processos de apropriação dos recursos naturais em nome de interesses do capital e da produção⁵.

A análise se assenta, ainda, na definição de territórios hidrossociais, os quais são compostos por espaços social, natural e politicamente elaborados historicamente, nos quais as ações humanas se inter-relacionam com os fluxos de água por meio de toda sorte de manifestação cultural, infraestruturação, tecnologia, instituições políticas (incluindo a governança da água) etc. que podem provocar palimpsestos e ressignificações em relação às águas⁶.

São relações destituídas de neutralidade, as quais podem resultar em impactos de diferentes ordens, como enchentes/ inundações, falta de serviços públicos adequados ou em processos de “expulsão” da população moradora devido a possível

³ Szmrecsányi, T. Fundamentos teóricos e metodológicos do estudo da história econômica. *Revista de História Econômica e História de Empresas*, n. XI, 2 (2008). <https://doi.org/10.29182/hehe.v11i2.18>.

⁴ Worster, D. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*, n.8, vol. 4 (1991). <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2324/1463>; Pádua, J. A. As bases teóricas da História Ambiental. *Estudos Avançados* 24, no. 68 (2010). <https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000100009>; Martínez, P. H. 2006. História ambiental no Brasil. Pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez; Bucio, Yurixhi M., e Urquijo, P. 2022. Ecologia política e história ambiental. In *Historia ambiental de América Latina: enfoques, procedimientos y cotidianidades*, edited by P. S. Urquijo, Lazos, A. E. e K. Lefebvre. Morelia, Michoacán de Ocampo: Universidad Nacional Autónoma de México, Centro de Investigaciones en Geografía Ambiental.

⁵ Cavalcanti, C. Concepções da economia ecológica: suas relações com a economia dominante e a economia ambiental. *Estudos Avançados* 24, nº 68 (2010). <http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n68/07.pdf>; Oliveira, E. Economia verde, economia ecológica e economia ambiental: uma revisão. *Revista Meio ambiente e sustentabilidade* 6, vol. 13 (2017). <https://doi.org/10.22292/mas.v13i6.751>.

⁶ Boelens, R., et al. Hydrosocial territories: a political ecology perspective. *Water International* 41, no. 1 (2016): 1-14. <https://doi.org/10.1080/02508060.2016.1134898>, p. 1.

gentrificação após políticas públicas específicas que visem à melhoria infraestrutural da região, por exemplo. A busca das especificidades do território pode revelar como as relações nela estabelecidas, incluindo o Estado e os objetivos das diferentes formas de capital nele alocados ou por ele representados, se interconectam e entram em possíveis conflitos no território hidrossocial. Por isso é imperioso uma visão política dos territórios hidrossociais, pois “definem processos de inclusão e exclusão, desenvolvimento e marginalização”⁷.

Na convergência destas subáreas de conhecimento, a despeito de suas peculiaridades teórico-metodológicas na abordagem de seus objetos, encontra-se a premissa de que os elementos naturais (não-humano) e o humano compõem um todo maior, cujas ações, relações e reações adquirem um sentido histórico. Em outras palavras, nas relações e intervenções da espécie humana com os elementos naturais (do qual o primeiro é componente do segundo) não há dualismos possíveis que os categorizem independentemente, é o que Swyngedouw chama de produção histórico-geográfico da socionatureza⁸, ou simplesmente *natureza*.

Apreender o rio Tietê como centro destas questões é recobrar “a memória” da região, seus erros, suas mazelas para encarar seus desafios e construir o futuro que se deseja. “O rio de memórias deixa transbordar os desgovernos, a falta de políticas de planejamento urbano que propiciariam a melhoria das condições de vida na cidade”⁹.

Situado ao Norte da cidade de Osasco, o bairro do Rochdale é delimitado pelo *braço morto do rio Tietê*, em cujas proximidades situam-se algumas das principais áreas de risco para enchentes/ inundações do município. Contudo, segundo a administração pública (gestão 2009-2012), a região foi abandonada durante muitos anos, sendo ocupada por moradias irregulares nas margens do córrego que o circunda¹⁰.

⁷ *Ibid*, p. 2.

⁸ Swyngedouw, E. Modernity and Hybridity: Nature, Regeneracionismo, and the Production of the Spanish Waterscape, 1890–1930. *Annals of the American Association of Geographers* 89, no. 3 (1999), p. 443-465. <https://www.jstor.org/stable/2564492?origin=JSTOR-pdf>; Tsutsui, H. K., e Empinotti, V. L. A água como híbrido: uma estrutura de análise a partir do enfoque hidrossocial. *Desenvolvimento e Meio Ambiente* 61 (2023), p. 496-512. <https://doi.org/10.5380/dma.v61i0.81060>.

⁹ Maia, A. C. N. e Sedrez, L. Narrativas de um Dilúvio Carioca: memória e natureza na Grande Enchente de 1966. *História Oral* 14, no. 2 (2011). <https://doi.org/10.51880/ho.v14i2.239>, p 224.

¹⁰ Prefeitura do Município de Osasco. 2012. Realizações e perspectivas 2. Uma cidade cada dia melhor. Osasco: Prefeitura do Município de Osasco.

Historicamente, o loteamento e a incorporação do Rochdale ao conjunto da área urbana, através da sua ocupação e relativa infraestruturação, implicou, em primeiro lugar, na óbvia agregação tanto da área quanto de sua população à totalidade da organização econômico-social que viria a se tornar a cidade de Osasco. Até mesmo a forma de comercialização de seus terrenos proposta pela Cooperativa que o loteou, estimou a expansão geográfica para a região, por meio do que Harvey¹¹ chama de anulação do *locus* pelo tempo, possibilitada pelo crédito. Ali se estabeleceram, em última instância, o espaço para a reprodução da força-de-trabalho. Assim se evidência, em segundo lugar, a criação das condições para a acumulação ampliada do capital, que se efetiva em função da capacidade de circulação de pessoas, mercadorias, recursos financeiros e elementos naturais, que transforma território, o consumo e a paisagem.

Esse processo não é isento das contradições inerentes do capitalismo, como frisa Harvey¹², pois para a transformação do ambiente construído se impõe “reformas periódicas do ambiente geográfico” imprescindíveis para “adaptá-los às necessidades da acumulação adicional”. Nesse sentido, a “paisagem criada pelo capitalismo também é vista como lugar da contradição e da tensão”, que imperiosamente deve se expandir geograficamente, mesmo que isso implique em destruir suas próprias criações, tanto físicas quanto de consumo, para recriá-las sob novos padrões, ou seja, seria o palimpsesto acima referido.

De seus primeiros moradores, instalados no início da década de 1950, ao adensamento que tomou forma, o bairro atraiu uma população que se viu obrigada a buscar alternativas de moradia. Entre os efeitos se multiplicaram habitações precárias e insalubres. Diferentemente do Rio de Janeiro, quando as favelas começaram a tomar forma ao final do século XIX, na capital paulista elas remetem a um processo de intensificação da urbanização vinculada à industrialização e à crise da habitação no início da década de 1940¹³. Importa destacar que o aumento populacional se deu sobre espaços praticamente já dominados pelo capital, resultado de um percurso histórico

¹¹ Harvey, D. 2005. Produção capitalista do espaço. Trad. São Paulo: Annablume, p. 49.

¹² *Ibid*, p. 52 e segs.

¹³ Bonduki, N. 2017. Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. 7.ed. São Paulo: Estação Liberdade, p. 269.

que remete à interiorização via rio Tietê e, em seguida, à formação e consolidação do complexo cafeeiro paulista.

Diversos foram os problemas urbanos que tomaram forma e se avolumaram com a urbanização desordenada que assolou as principais cidades e capitais em seus respectivos processos de urbanização. Entre eles o das enchentes/ inundações¹⁴ e seus impactos, as quais evidenciam dois níveis de análise: o primeiro, que os fenômenos devem ser apreendidos de forma totalizante, como construção social, devendo ser tratadas segundos as especificidades de cada ocorrência, *lugar e tempo*¹⁵, em segundo lugar e, em decorrência do primeiro, vinculando-as à infraestrutura, às interações e aos agentes envolvidos (públicos e privados), seus interesses e suas ações (ou omissões).

Para alcançar o objetivo aqui posto, o trabalho fundamentou-se na bibliografia pertinente aos temas que o envolvem, seguido da análise de material primário e dados oficiais para aferir a hipótese aventada. Os procedimentos metodológicos se embasaram num processo-movimento que procurou apreender a sociedade em seus movimentos históricos diretamente vinculados às dinâmicas, ressignificações e características do modo de produção capitalista, em que as partes conferiam sentido ao todo (nem sempre de maneira explícita) da mesma forma que o inverso também se aplicava, dialeticamente, de modo a evidenciar as complexidades, as contradições e as limitações do objeto. Entre a documentação pesquisada, estão a legislação e atos oficiais do Estado, dados quantitativos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), artigos de revistas e, especialmente da imprensa, por descrever e ao mesmo tempo construir narrativas sobre um território tratado como “castigado” ora pelo descaso das autoridades públicas, ora pelos humanos, ora, ainda, pelo conjunto das ações.

Nas páginas que seguem, o artigo trata no primeiro tópico da vinculação do rio Tietê com o Rochdale, destacando as diferentes “utilizações” e percepções sobre as

¹⁴ O uso das terminologias enchentes ou inundações são tratadas neste artigo como sinônimos, enquanto construção social, diferentemente das cheias, como se verá adiante. Trata-se do que Koselleck, R. 2006, em *História dos conceitos e história social*, Rio de Janeiro: Contraponto/ Ed. PUC-Rio, p. 109, argumenta como sentido que pode ser conferido pelo uso da palavra. “Embora o conceito também esteja associado à palavra, ele é mais do que uma palavra: uma palavra se torna um conceito se a totalidade das circunstâncias político-sociais e empíricas, nas quais e para as quais essa palavra é usada, se agrega a ela.”

¹⁵ Os fenômenos naturais nunca são os mesmos, cada um apresenta peculiaridades próprias segundo seu lugar e seu tempo, conforme Maia e Sedrez. *Narrativas de um Dilúvio Carioca*, 2011.
, o que revela um importante “axioma” da História.

águas; em seguida se analisa a região e a constituição do município de Osasco no contexto da ocupação e expansão urbana; na sequência está a reflexão sobre a construção das enchentes/ inundações; para então se analisar o bairro do Rochdale na atualidade. Por fim, estão as considerações finais.

O RIO, O ROCHDALE: RELAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES

A atual cidade de Osasco localiza-se na porção Oeste da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP)¹⁶, na fronteira com a capital paulista, que fica a Leste, se estendendo de Norte a Sul; a Oeste, fazendo fronteira com Barueri e Carapicuíba; e, a Sudoeste, com Cotia, como mostra a imagem a seguir. A cidade possuía, em 2022, 728.615 habitantes, com uma densidade populacional de 11.217,40 habitantes por quilômetro quadrado (km²) instalados sobre 64,954 km², totalizando uma área urbanizada de 60,62% (2022). O Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* de 2021 registrava R\$ 122.765,65, contudo, os trabalhadores detinham um salário médio mensal de 3,9 salários-mínimos (em 2022), segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁷.

Do ponto de vista hidrográfico seu território é cortado pelo vale do rio Tietê, que o atravessa de Leste a Oeste. Não à toa que atraiu pessoas, indígenas e colonizadores, dada a essencialidade da água. A região tem seus primeiros registros de ocupação com a colonização no século XVII, do sítio Quitaúna, que abrigava nas margens do rio Tietê um porto para saída de expedições bandeirante em direção ao interior, para aprisionamento de indígenas. Nos séculos seguintes, seguindo as águas, se consolidaram caminhos iniciados pelos tropeiros, fomentando o surgimento de vilas e povoados, como Cotia, Carapicuíba, Itapevi, Jandira, cujos limites eram delimitados pelas nuances do rio¹⁸.

¹⁶ A RMSP foi constituída pela Lei Complementar nº 14, de 08 de junho de 1973, que também criou as regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Curitiba, Belém e Fortaleza (Brasil. Lei Complementar nº 14, de 8 de junho de 1973. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp14.htm#:~:text=LEI%20COMPLEMENTAR%20N%C2%BA%2014%2C%20DE,%2C%20Curitiba%2C%20Bel%C3%A9m%20e%20Fortaleza. Acesso em 21 de agosto de 2024. Brasil, 1973). Até então a região era chamada de Grande São Paulo.

¹⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo de 2022. 2024. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2022/primeiros-resultados-populacao-e-domicilios>. Acesso em 11 de novembro de 2024.

¹⁸ Brito, C. R. de. 2009. Contribuição ao estudo do poder local em Osasco. Um estudo geográfico-político." Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, p 46-47.

Onde hoje localiza-se o centro de Osasco, outro curso d'água – o Bussocaba – também atraiu moradores às suas imediações. Ali se formaram chácaras, fazendas e sítios, porém, como suas terras apresentavam baixa qualidade para agricultura comercial, assimilaram a função de instrumentos de poder e especulação, sendo loteadas a partir do século XIX, fomentando pequenas propriedades, povoamento (incrementado pela imigração) e, em seguida, urbanização e atração de pequenas indústrias. Ademais, com uma vitalidade econômica atraída pelas movimentações próximas à estação da Estrada de Ferro Sorocabana (inaugurada em 1875), dali se espalharam diversos bairros, sendo diversos deles marcados pela influência do rio Tietê¹⁹.

Ao propiciar condições para o crescimento econômico da localidade, a estrada de ferro possibilitou a formação do que Langenbuch²⁰ conceitua como “povoados-estação”, isto é, vilas operárias que congregavam trabalhadores em busca de moradia nas proximidades do trabalho, em função do baixo custo dos terrenos e, alguns poucos, porque faziam viagens diárias para localidades próximas. Em outras palavras, a localização próxima à capital e a instalação da estação ferroviária é apontada por Brito como fatores que “contribuíram largamente para o “desenvolvimento” da região e pela atração de ‘empresários e trabalhadores’”²¹.

Na década de 1920, sob a condição de distrito de paz, Osasco abrigava 1.600 habitantes, passando, em 1934, a 12.091 habitantes. Em 1940, sua população chegou a 15.258; nesta mesma década, especificamente em novembro de 1944, passou de zona distrital do município de São Paulo para a condição de subdistrito de São Paulo. De acordo Constantino²², foi nesta década que o crescimento se intensificou, chegando a 41.326 habitantes em 1950.

Sob esta conjuntura, se enlea o loteamento do Rochdale com a demanda por moradia e o rio Tietê. Pensado inicialmente para ser um bairro aos moldes do cooperativismo inglês, ele transitou do planejamento “cooperativo” para uma condição

¹⁹ *Ibid*, p. 50.

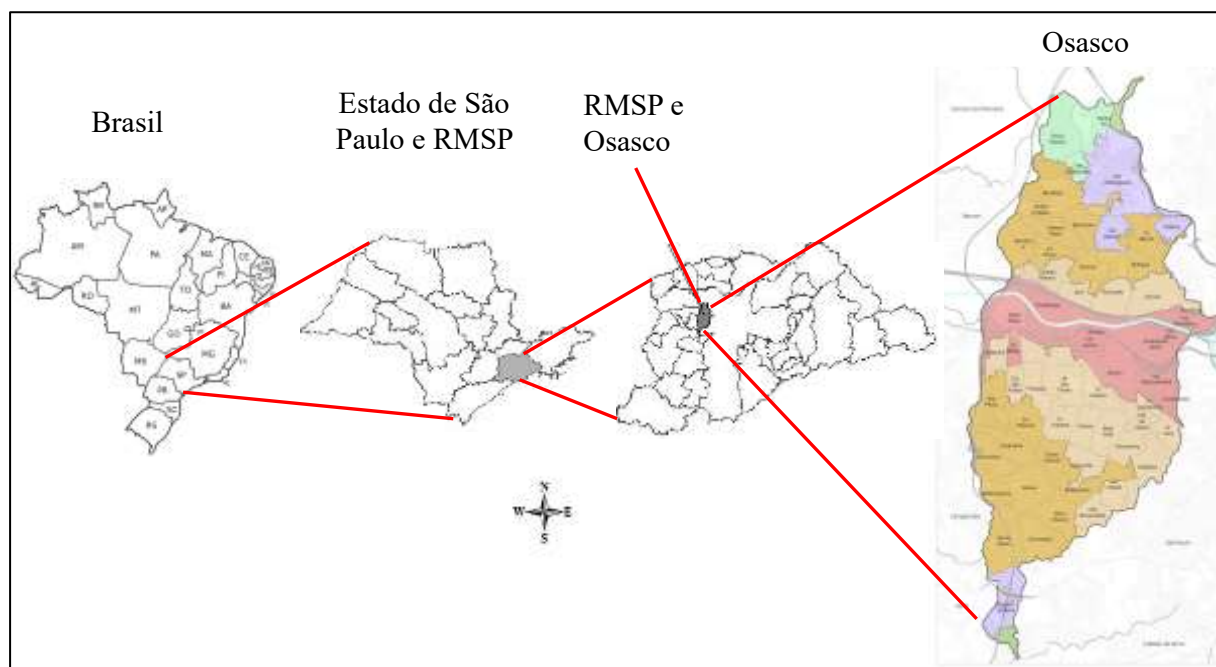
²⁰ *Apud* Constantino, W. 2009. A porção oeste da região metropolitana de São Paulo no contexto de descondensamento da metrópole – o surgimento de uma nova centralidade em Osasco. Dissertação (mestrado), Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 92.

²¹ *Ibid*, p.51.

²² *Ibid*, p.53.

de região permeada de problemas e desafios. Seu loteamento, assim, remonta a dois processos relativamente distintos, porém convergentes à luz dos interesses capitalistas, estimulados pela urbanização, pelo aumento populacional e pelo incremento industrial.

Localização da cidade de Osasco (Brasil – estado de São Paulo – Região Metropolitana de São Paulo – Osasco)



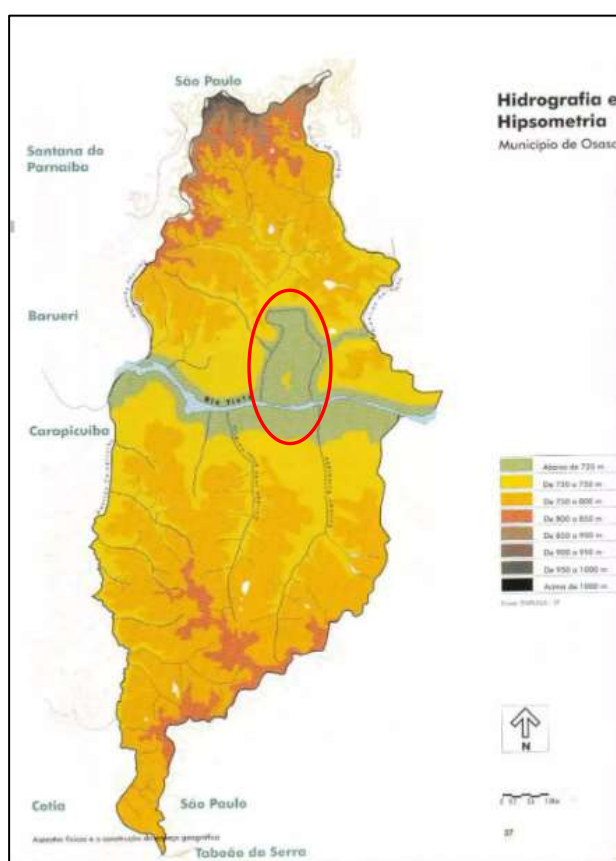
Fontes: InfoEscola; Mapas para colorir. Elaboração própria.

A primeira ligava-se a discussão sobre como conter as *cheias* que assolavam as regiões mais baixas da região central da cidade de São Paulo, próximas a córregos e rios, como o Tamanduateí, o Pinheiros e o Tietê, posta desde a primeira metade do século XIX. O tema justificou a formação de diversas comissões e a execução de obras públicas na cidade de São Paulo, como as do Tamanduateí a partir de 1850. Sustentando os argumentos e as obras estava a crença de que a supressão dos meandros e obstáculos dos rios e córregos, e sua posterior canalização, ampliaria a fluidez das águas, evitando, assim, as cheias e a estagnação das águas consideradas pútridas e geradoras de doenças, segundo a teoria miasmática. Por isso as retificações/ canalizações do Tamanduateí e, posteriormente, as do Pinheiros²³ e do Tietê.

²³ À retificação do Pinheiros ainda se adiciona o interesse da The São Paulo Tramway Light and Power Company Limited em utilizar as águas excedentes do rio do Tietê para geração de energia elétrica em sua usina em Cubatão. Para tanto, a empresa retificou/ canalizou o rio Pinheiros para melhor fluir as águas, invertendo seu curso “natural”. As obras se iniciaram no final dos anos 1930 e foram concluídas na década de 1960.

Muito brevemente, as discussões justificaram a criação, pelo governo do estado de São Paulo, da “Comissão de Saneamento das Várzeas” em 1890, dois anos depois, rebatizada de “Comissão de Saneamento do Estado”, que se encarregaram dos primeiros esboços para a retificação/ canalização do rio Tietê. Assim, primeiramente empreenderam as retificações dos chamados canais de Osasco, Inhaúmas e Anastácio²⁴, como mostram as imagens a seguir.

Localização do bairro do Rochdale (circundado em vermelho) em relação ao município e ao rio Tietê, com destaque para sua altitude e área de inundação (verde)

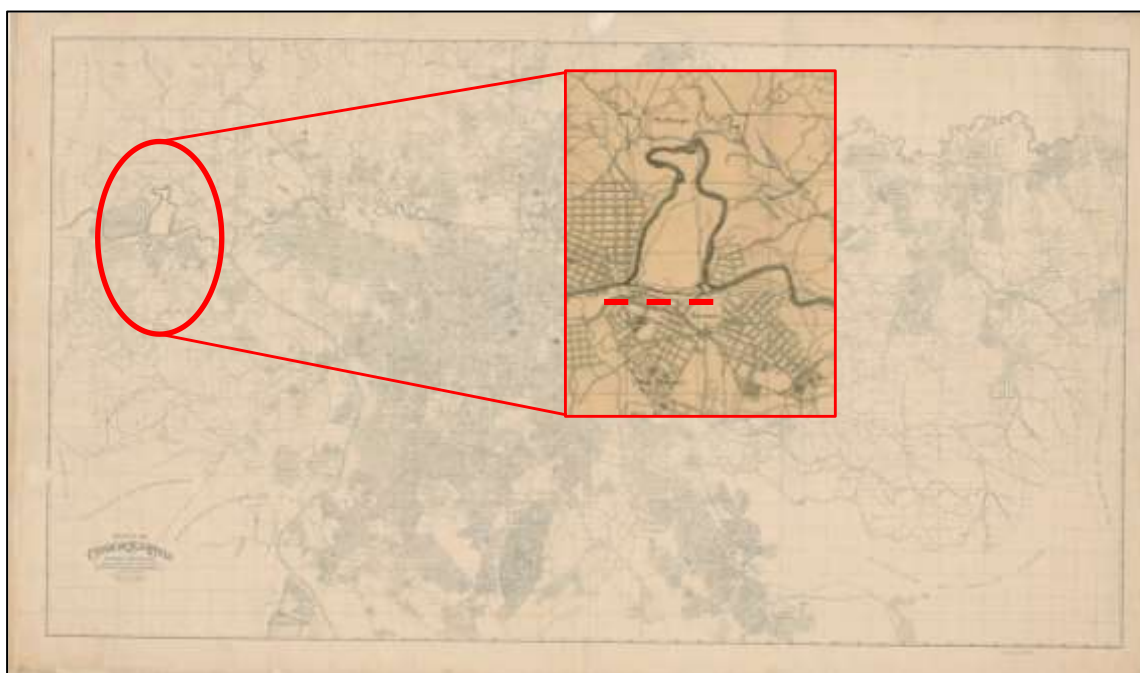


Fonte: Mapa de hidrografia e hipsometria do município de Osasco.

Instalada em São Paulo em 1899 com capital estrangeiro, seu objetivo inicial era fornecer serviços de transportes urbano por meio de bondes, mas logo se espalhou para outros setores-chave do processo de urbanização ascendente, como geração de energia elétrica, telefonia, gás etc., além de especulação imobiliária. Ao longo do século XX, a Light ampliou sua atuação e domínio sobre os cursos d'água do entorno da capital paulista para gerar energia hidrelétrica, construindo represas, usinas elevatórias e usinas geradoras, como as de Santana do Parnaíba, Cubatão dentre outras, as quais requeriam fluxos contínuos, abundantes e ininterruptos de água. Para aprofundamentos ver Seabra, O. C. de L. 1987. Os meandros dos rios nos meandros do poder. Tietê e Pinheiros: valorização das várzeas na cidade de São Paulo. São Paulo: Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; Santos, F. A. dos. 2011. Domando águas. Salubridade e ocupação do espaço na cidade de São Paulo, 1875-1930. São Paulo, Alameda/ Fapesp; Santos, F. A. dos. 2014. Inundações na cidade de São Paulo: uma construção social. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n.62, p. 15-22, Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/publicacoes/revistas/historica62.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2015.

²⁴ Já a totalidade da canalização na extensão que atravessa a cidade de São Paulo até Santana do Parnaíba, somente seria concluída nos anos 1960, após paralisações e muitas discussões sobre a questão das águas e das enchentes na capital.

Canal em Osasco (rio Tietê) – no destaque Rochdale



Fonte: Planta da cidade de São Paulo e municípios circunvizinhos (1943). Elaboração própria.

Com a intervenção sobre o rio, se constituiu o *braço morto do Tietê*, configurando a “ilha” do *outro lado rio*, interposta por uma fronteira física e simbólica importante que a separava do centro e que posteriormente seria reforçada pela passagem da Rodovia Castelo Branco²⁵.

As obras de canalização do Tietê foram realizadas com recursos públicos e consistiu na regularização e no alargamento do leito do rio, eliminando seus meandros e retificando seu curso para torná-lo reto e fluído. Em toda sua extensão, com a drenagem das áreas alagáveis e a supressão das várzeas se disponibilizaram importantes espaços que foram sendo ocupados ulteriormente. O processo gerou problemas urbanos e ambientais que persistem até os dias de hoje.

O segundo remonta propriamente ao loteamento do bairro do Rochdale, na ilha de São João, iniciada em 1951. Encabeçado pelo advogado Fernando Marrey e

²⁵ Sua construção teve início em 1963 e seu primeiro trecho entregue ao trânsito, da capital a Torre de Pedra, foi disponibilizado em 1968.

empresários ligados ao mercado financeiro e ao comércio de café, eles adquiriram na ilha uma área de 1,5 milhão de metros quadrados (m²) de Manuel Rodrigues, que outrora havia adquirido a área de Antonio Agú. Ali criaram a Companhia Construtora Osasco que, estimulado por Marrey, nomearam-no de Rochdale, em função da cidade de Rochdale (Reino Unido)²⁶.

O loteamento visava atender a demanda por moradia dos trabalhadores das indústrias da região. Para tanto, criaram em 1952 a Cooperativa Mista Popular do Rochdale, através da qual os primeiros compradores financiariam a construção de suas casas e as vendas seguintes; a proposta ainda pretendia incorporar a construção de serviços como escola, supermercado, posto de saúde e áreas de lazer. O plano era custear os serviços por meio de um acréscimo no preço dos terrenos, cabendo a administração do bairro aos próprios moradores. A imagem a seguir mostra a propaganda de 1952, afirmando a existência de:

águas pluviais canalizadas, arruamento perfeito com guias e sarjetas. A extensão da rede de luz já foi pedida à Light e cobrirá todo o arruamento. Ruas amplas. A avenida principal conta com 6 1/2 quilômetros de comprimento (...). Do custo do metro quadrado de cada lote será reservado a importância de Cr\$ 20,00 para o fundo de expansão da Cooperativa Popular de Rochdale, (...) que proporciona, pelo custo, tudo o que é necessário ao bem-estar dos proprietários de Rochdale, a cidade auto-suficiente²⁷.

Em 1955, contudo, a companhia passou por uma crise financeira e seus sócios responsabilizaram a cooperativa pela situação, solicitando sua dissolução. Ao tentar manter a cooperativa, Marrey acabou afastado da construtora, que também cessou o repasse de fundos à cooperativa. Diante das adversidades, Marrey entrou com uma ação judicial contra a construtora e, após anos, a cooperativa sagrou-se vitoriosa. A decisão favorável permitiu que a cooperativa continuasse o trabalho e, apesar do ceticismo, foi possível a construção de uma escola primária, um armazém de secos e molhados, de um grupo escolar e de uma escola profissionalizante em convênio com o Serviço Nacional da Indústria (Senai), além da transformação do campo de futebol em um

²⁶ Revista Osasco. Revista mensal de informação, publicidade e promoção da cidade trabalhada. Ano I, nº 1, 1963. Disponível em: http://www.hagopgaragem.com.br/revista_osasco_1.html. Acesso em 20 de julho de 2023; Câmara Municipal de Osasco. s/d. Rochdale é o bairro do progresso. Disponível em: <https://www.osasco.sp.leg.br/rochdale>. Acesso em 22 de agosto de 2024.

²⁷ Hagope Garagem. Propaganda de lançamento imobiliário do Rochdale. Disponível em: http://www.hagopgaragem.com.br/osasco_bairros.html#ancora46. Acesso em 19 de agosto de 2024.

estádio municipal²⁸. De qualquer forma, ainda sob o problema da inflação e da demanda crescente por serviços, declarou Marrey em 1963:

Esperamos que agora, vencida pela Cooperativa a fase difícil de sua definitiva implantação, venha ela a tornar-se aquele instrumento que sonhamos dar a essa parte do povo, para defender-se dos exploradores, livres do paternalismo demagógico e insincero, daqueles que só falam do povo e lembram-se dele para tirar proveito em benefício de seus próprios e ocultos designios, de bens ou de poder²⁹.

Propaganda do loteamento do Rochdale - 1952



Fonte: Hagope Garagem.

No cotidiano, entretanto, registros de problemas no bairro remontam aos anos de sua criação. Em texto publicado pela Câmara Municipal de Osasco³⁰, por exemplo, uma moradora declarou que se mudou para o bairro do Rochdale em 1958 e que “apesar de ser um local agradável, com ruas largas, quando chovia ninguém conseguia sair de casa por causa do barro que se formava”, lembrando que as carroças que faziam as entregas de pão e do leite não conseguiam chegar até as casas. Em outro depoimento, um morador reafirma as dificuldades nos dias de chuvas, mas lembra que havia a compensação da escola onde seus filhos estudavam, a escola da Cooperativa, e ainda a possibilidade da pescaria no Tietê, em cujas margens as famílias se reuniam nos fins

²⁸ Câmara Municipal de Osasco. s/d.(b). Rochdale é o bairro do progresso. Disponível em: <https://www.osasco.sp.leg.br/rochdale>. Acesso em 22 de agosto de 2024.

²⁹ Revista Osasco. Revista mensal de informação, publicidade e promoção da cidade trabalhado. Ano I, nº 1, (1963). Disponível em: http://www.hagopgaragem.com.br/revista_osasco_1.html. Acesso em 20 de julho de 2023, p. 11.

³⁰ Câmara Municipal de Osasco. Sonho parado no tempo. s/d. Disponível em: <https://www.osasco.sp.leg.br/sonho-parado-no-tempo>. Acesso em 22 de agosto de 2024.

de semana. A relação com as águas parecia entrar num processo transitório de ressignificações.

Entre intenções, benesses e mazelas, a população do bairro aumentou a partir dos anos 1960, passando de cerca de 1 mil habitantes que para lá se mudaram logo após seu lançamento, para 4,6 mil, em 1960, e para 13,7 mil em 1966³¹.

O MUNICÍPIO DE OSASCO

A urbanização na porção Oeste da RMSP foi marcada por um crescimento acelerado e desordenado, atrelado à industrialização e à migração de pessoas em busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho.

Em termos teóricos, este processo resulta de dinâmicas vinculadas à concentração de pessoas num determinado espaço, cujas relações sociais e produtivas podem ser categorizadas como complexas³², gerando problemas de magnitudes diversas, em especial sobre o meio físico sobre o qual se assentam. A urbanização, assim, deve ser encarada como *processo* e *objeto*, argumenta Harvey, a partir dos *artefatos*, isto é, formas construídas, espaços produzidos e sistemas específicos, que elaboram a configuração espacial. Junto como eles, estão os *processos sociais*, como o lazer, a convivência, a circulação, por exemplo. Ademais, as instituições legais e político-administrativas direcionam a execução dos artefatos (nomeados aqui como políticas públicas, isto é, as ações do Estado³³), influenciando as ações sociais e, por extensão, estabelecendo parâmetros para elaboração e reelaboração de visões de mundo, expectativas e aspirações³⁴.

³¹ Há que se considerar, ainda, mas sem condições para aprofundamentos, que na década de 1940 teve início a movimentação pela emancipação de Osasco à condição de município, o movimento pela autonomia. Entre as interpretações estava a luta política motivada pela falta de atenção e de recursos estaduais destinados aos serviços públicos; já os opositores argumentavam que os impostos subiriam com a autonomia. O processo se prolongou pelas décadas de 1940 e 1950, não sem conflitos, com a realização de dois plebiscitos: um em 1953, quando venceu o “não” pela autonomia, e um segundo, em 1958, quando a opção pela autonomia se sagrou vencedora. De forma muito resumida, em 31 de dezembro 1958 a localidade foi alçada a condição de município com a sanção da Lei nº 5.121, pelo governador de São Paulo, Jânio Quadros, mas somente em 1962, após embates entre Ademar de Barros, prefeito de São Paulo e o movimento dos autonomistas, segundo Brito, C. R. de. 2009. Contribuição ao estudo do poder local em Osasco. Um estudo geográfico-político. p. 112 e segs., que efetivamente foi institucionalizada a Câmara Municipal e a Prefeitura, com suas respectivas eleições. Há ainda interpretações que o vinculam a aspectos políticos mais amplos, como os anos da ditadura civil-militar, as greves na cidade e a repressão que seguiu, ver Pereira Neto, M. L. A greve de 1968 em Osasco: mito, memória e história, no prelo.

³² Santos, M. 1994. A urbanização brasileira. 4.ed. São Paulo: Hucitec.

³³ Souza, C. 2007. Estado da arte da pesquisa em políticas públicas. In: Hochman, G. e Arretche, M.; Marques, E. (org.). Políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz.

³⁴ Harvey, D. 2005. Produção capitalista do espaço. Trad. São Paulo: Annablume, p. 168.

Nesses espaços, quando dissociados de planejamento, mas não unicamente por esta razão, se materializam as condicionalidades que podem levar à reprodução da desigualdade, pois retomando Santos, “a pobreza não é apenas o fato do modelo socioeconômico vigente, mas, também, do modelo espacial”³⁵. O caso aqui em análise não parece fugir à premissa.

A concentração desordenada de pessoas se processou numa relação inversamente proporcional à instalação de infraestrutura urbana adequada, resultando em problemas como congestionamento populacional, falta de serviços públicos e desigualdades que, a despeito dos investimentos realizados, se mantêm insuficientes diante das necessidades. Esta situação assinala o hiato entre as demandas crescentes da população e a oferta restrita de serviços por parte dos poderes públicos, na maioria das vezes mediados por interesses privados.

Na década de 1960 a população de Osasco saltou de 113,2 mil, para 283 mil dez anos depois, crescendo a uma taxa de quase 150%, o que demonstra a atratividade da região. Nas décadas seguintes os índices de crescimento arrefeceram, mesmo assim continuaram ascendentes. Na década de 1980, o incremento populacional foi de 68% em comparação ao início da década anterior. Já em 2022, o crescimento foi de 9,3% em relação a 2010, aumentando a tendência de alta ante ao censo de 2010 (com relação a 2000), que foi de 2,2%, como mostra a tabela abaixo.

Isto posto, em que pese as diferentes interpretações sobre a industrialização e suas origens no estado de São Paulo, é inegável que seu processo fomentou a expansão urbana e refletiu sobremaneira a ocupação territorial das cidades, muitas vezes por meio da autoconstrução.

Osasco – Crescimento populacional -1960-2022

³⁵ Santos, M. 1994. A urbanização brasileira, p. 10. Contudo, indo além, no Rochdale se verificam ações e disputas multidimensionais pela sobrevivência e por direitos configurando-o como um território hidrossocial, marcado por cursos d'água, em especial o rio Tietê, e por enchentes.

Anos	População	% de crescimento
1960	113.243	-
1970	283.073	149,97
1980	474.543	67,64
1991	568.225	19,74
2000	652.593	14,85
2010	666.740	2,17
2022	728.615	9,28

Fonte: IBGE – Censos demográficos (2011), (2024).

Oliveira destaca a relação da autoconstrução da moradia com o crescimento urbano, que por mais que possa ter se configurado “anárquico” não o fora “caótico” para a acumulação de capital. A questão central residiria no fato de as autoconstruções acontecerem nos momentos de não-trabalho. Sendo assim, transforma-se em trabalho não-pago, estando excluído do cálculo salarial que contemplaria a manutenção destes trabalhadores, considerando que a moradia engloba um percentual importante dos gastos de sua reprodução: “Assim, uma operação que é, na aparência, uma sobrevivência de práticas de ‘economia natural’ dentro das cidades, casa-se admiravelmente bem com um processo de expansão capitalista...”³⁶.

Indo além, Kowarick³⁷ e Bonduki³⁸ apontam que a moradia autoconstruída extrapola o abrigar e o fato de o capitalismo se apropriar deste não-trabalho para manter reduzidos os níveis salariais. Há que se considerar, segundo os autores, que a autoconstrução era a possibilidade de materializar o sonho do “não pagar aluguel”, conferindo-lhes condições de realizar uma poupança ao abandonar um dispêndio considerado alto, tanto para a segurança familiar em caso de imprevistos quanto para o redirecionando do recurso para o consumo de outros bens ou serviços. Adicionalmente, representaria a posse de uma propriedade quando concluída; além de

³⁶ Oliveira, F. de. 2013. Crítica à razão dualista. O Ornitorrinco. Boitempo, p. 59.

³⁷ Kowarick, L. 2000. Escritos urbanos. São Paulo: Editora 34, p. 29-32; *Ibid.* 2009. Viver em risco. Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. São Paulo: Editora 34, p. 211-212.

³⁸ Bonduki, N. 2017. Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. 7.ed. São Paulo: Estação Liberdade, p. 316.

pressão sobre os poderes públicos para disponibilizarem infraestrutura urbana que, por sua vez, valorizariam o território à medida que fossem instalados.

Inquestionável, contudo, foi o fato de a autoconstrução na maioria dos casos seguirem desacompanhadas de serviços públicos básicos, o que parece ter ensejado as condições para a reprodução do caótico, essencialmente para a população em condições de precariedade, situadas às margens ou próximas aos cursos d'água, o que impôs aos trabalhadores

...nos anos 1940, quase que compulsoriamente, a busca do lote periférico, quando talvez ele não optasse por isso. No entanto, à medida que surgiu uma tradição de auto empreendimento, que os loteamentos foram sendo incorporados às redes de serviços públicos e que se desenvolveram práticas culturais enraizadas nesse modo de vida, a aspiração de obter a casa própria generalizou-se entre a população de baixa renda, que passou a buscá-la sem medir sacrifícios³⁹.

Tal conjuntura culminou num processo que consolidava o “padrão periférico de ocupação com o adensamento populacional destes bairros”, também estimulado por anistias e perdões públicos a loteamentos irregulares e pelo estabelecimento gradual de infraestrutura e equipamento urbano. No cerne das legalizações estava, muitas vezes, “relações clientelistas com o poder público”. O adensamento populacional destes bairros teria sido incrementado, segundo Spinazzola⁴⁰, por uma lei que diminui a oferta de loteamentos no final dos anos 1970 e que, acrescido da crise dos anos 1980, resultou na restrição de terras baratas.

Nos anos 1960, quando se acentuou ainda mais o desenvolvimento industrial da grande São Paulo, a indústria de Osasco representava 90% da renda bruta do município e, mais uma vez, a população cresceu em níveis consideráveis, levando a uma rápida expansão em direção à periferia⁴¹.

Ao se comparar as taxas de crescimento populacional ao ano de Osasco com relação à RMSP e à cidade de São Paulo, os dados revelam um crescimento superior do município de Osasco ante à RMSP e à capital nos anos 1970-1980, seguido de uma queda no movimento ascendente e apresentando crescimento inferior com relação à RMSP,

³⁹ *Ibid*, p. 316.

⁴⁰ Spinazzola, P. C. S. 2008. Impactos da regularização fundiária no espaço urbano. São Paulo: Dissertação (Mestrado), FAUUSP, p. 33.

⁴¹ Coelho (1998) *apud* Constantino, W. 2009. A porção oeste da região metropolitana de São Paulo no contexto de descondensamento da metrópole.

ao passo que se manteve superior ante à capital paulista nos anos 1980-1991. Já nos anos 1991-2000, a tendência da década anterior se manteve, inferior à RMSP e superior à cidade de São Paulo.

Osasco, Grande São Paulo/ RMSP e São Paulo - Crescimento populacional - % ao ano - 1950-2000

Anos	Osasco	RMSP	São Paulo
1950-1960	10,80	-	-
1960-1970	9,50	-	-
1970-1980	5,30	4,46	3,67
1980-1991	1,65	1,88	1,16
1991-2000	1,56	1,65	0,88

Fonte: Censos Demográficos.

Nas décadas de 1970 a 1990, como demonstram os dados, houve uma tendência de a população se concentrar essencialmente nas áreas localizadas no cinturão da cidade de São Paulo, isto é, em áreas com custos mais baixos de moradia. De acordo com Kowarick, entre 1959 e 1980, o preço médio da terra na cidade de São Paulo subiu em média mais de 150%, estimulando a procura por “favelas ou comunidades urbanas” em “áreas de proteção dos mananciais”, na capital e no seu entorno, incluindo Osasco⁴².

Foram justamente nestas áreas periféricas, de relativo baixo custo, que se reproduziram *locus* de moradia classificadas como favelas, muitas vezes sobre ou próximos a rios e córregos, como nas planícies de inundação ou leito maior ou áreas de proteção ambiental.

Em Osasco, em meados da década de 2000, cerca de 90% das 158 favelas mapeadas estavam localizadas em “áreas livres” – terrenos que, em tese, deveriam ser

⁴² Kowarick, L. 2009. Viver em risco. Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil, p. 223-225. Para o pesquisador, a definição de favela é complexa, dada suas ressignificações no tempo e do olhar que se tem sobre elas, as quais são e abrigam pessoas que devem ser “vistas no plural”. Para Saraiva, C. e Marques, E. 2011. Favelas e periferias nos anos 2000. In: Kowarick, L. São Paulo: novos percursos e atores. Sociedade, cultura e política. São Paulo: Editora 34, as favelas refletem a reprodução da pobreza e da desigualdade, além da incapacidade de o Estado e suas políticas habitacionais. Em geral, estão instaladas em áreas de risco, como morros ou próximas a cursos d’água, envolvendo a ilegalidade do território, a ocupação desordenada, a inexistência de infraestrutura urbana e a carência de serviços públicos (Saraiva, C. e Marques, E. 2005. A dinâmica social das favelas da Região Metropolitana de São Paulo. In: Marques, E.; Campos, H. (org.) São Paulo. Segregação, pobreza e desigualdades sociais. São Paulo: Senac. 2005, p. 143; 2011, p. 105). Recentemente, o IBGE, por exemplo, rediscutiu sua definição de favela, procurando alinhá-la com “fundamentações urbanísticas, sociais e políticas”, para incluir os “resultados das ações dos movimentos populares, da auto-organização das populações de favelas e de intervenções estatais (...) recuperando a correspondência entre o fenômeno e os conceitos”. Para tanto, substituiu a nomenclatura “aglomerado subnormal”, utilizado para os Censos de 1991, 2000 e 2010 e nas Contagens da Populacionais de 1996 e 2007, para um recorte territorial e habitacional no Censo de 2022: “favelas e Comunidades Urbanas”, de modo a abarcar a complexidade das representações pelos grupos sociais e se evitar “o risco de estigmatização das pessoas recenseadas” (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Favelas e comunidades urbanas. Notas metodológicas nº1. 2024b, p. 41).

destinados a espaços públicos ou áreas verdes –, mas que foram ocupados por assentamentos informais e, aproximadamente, 50% deles estavam assentados em áreas de proteção permanente, como margens de rios e córregos⁴³. No total, prossegue Spinazolla, a Prefeitura estimava cerca de 88 mil pessoas vivendo sob condições precárias em 2005. Já em 2010, segundo os dados do IBGE, eram 71 favelas, abrigando mais de 80 mil moradores, ao passo que em 2022, o número de favelas saltou para 84, e o de moradores ultrapassou os 98 mil, como mostram os dados da tabela a seguir, a despeito das diferenças entre as fontes. O bairro do Rochdale abrigava várias destas favelas, as quais cresceram desde 1970.

Osasco – Evolução das favelas – 1970-2022

Anos	Número	Habitantes
1970	2	378
1980	40	19.397
1985	94	35.000
2005	158	88.000
2010	71	80.276
2022	84	98.207

Fonte: Para os anos 1970, 1980, 1985 e 2005⁴⁴; para os anos 2010 e 2022, Censos Demográficos - IBGE⁴⁵.

Inúmeras foram as ações do Estado, em seus diferentes níveis, promovendo políticas públicas. No período aqui em análise, algumas delas foram relevantes não somente para a região, como para o Brasil. De cunho federal, por exemplo, programas de financiamentos à habitação e a serviços públicos foram fundamentais, como do Banco Nacional de Habitação (BNH), com recursos do Sistema Financeiro de Habitação (SFH), criados durante a ditadura civil-militar. Por outro lado, havia políticas que visavam incrementar “melhorias”, mas acabavam por estimular a desigualdade urbana, como as limitações impostas pela Política Nacional de Saneamento, de 1967 e que, em

⁴³ Spinazzola, P. C. S. 2008. Impactos da regularização fundiária no espaço urbano.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 39-41.

⁴⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo de 2010. 2011; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo de 2022. 2024.

1971, instituiu o Plano Nacional de Saneamento (Planasa), direcionando os investimentos federais no setor até 1986.

Com o objetivo de chegar a 80% da população abastecida com água e 50% com coleta de esgotos em 1980, o Planasa priorizou as companhias estaduais de saneamento e as áreas urbanas a receberem recursos e, por meio delas, essencialmente os serviços de abastecimento de água em detrimento da coleta e do tratamento dos esgotos; mais ainda, classificou as áreas urbanas ocupadas “irregularmente”, como as favelas, por exemplo, como territórios “não-saneáveis”, isto é, avolumando tanto a discrepância no acesso aos serviços quanto a poluição das águas, já que de 80 a 90% da água consumida pelos humanos são descartadas na forma de resíduo doméstico.

CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS ENCHENTES/ INUNDAÇÕES

A formação geomorfológica de Osasco a caracteriza com uma topografia variada. Situada em uma pequena bacia de sedimentação moderna, ali se formaram terrenos mais acidentados. Como o relevo é influenciado principalmente pela bacia do rio Tietê, moldando o vale e contribuindo para a formação de planícies aluviais, as áreas estão sujeitas a grandes cheias. O bairro do Rochdale, especificamente, situa-se a uma altitude “abaixo de 720 metros”⁴⁶.

Aqui se poderia apontar que a ocorrência dos problemas relacionados às subidas das águas na região estaria vinculada à sua topografia e suas condicionalidades geomorfológicas, mas não é o caso. Suas ocorrências estão diretamente ligadas às ações antrópicas, na medida em que a canalização ou retificação de cursos d’água impactam sobremaneira seus intercursos “naturais” e sociais com repercussões que o extrapolam, inclusive em escalas, transpondo-se do local para o regional e assim sucessivamente dependendo da tipologia das intervenções. O trabalho de Santos⁴⁷, por exemplo, demonstra como obras desta natureza, inclusive, acabaram por “exportar” enchentes de determinadas regiões do centro de São Paulo para jusante.

⁴⁶ Brito, C. R. de. 2009. Contribuição ao estudo do poder local em Osasco. Um estudo geográfico-político.

⁴⁷ Santos, F. A. dos. 2015. As inundações na região central da cidade de São Paulo. Dinâmicas e significações (1850-1922). In: Jorge, J. (org.). Cidades paulistas. Estudos de história ambiental urbana. São Paulo: Alameda/ Fapesp.

Com grandes impactos nos ecossistemas, as canalizações alteram sobremaneira aspectos aquáticos e terrestres e o entorno dos cursos d'água, como a biodiversidade ribeirinha, provocando assoreamentos, alterando o ciclo hidrológico e modificando o leito dos rios, ao reduzir a capacidade de infiltração/ absorção da água, impactando na drenagem, provocando erosão e degradação do solo, na qualidade da água, na vida aquática e na saúde pública, incluindo a dinâmica fluvial, dentre outros impactos⁴⁸.

No conjunto, ademais, além de alterar as morfologias dos rios, elas “facilitaram” a ocupação de suas cercanias, impermeabilizando áreas de drenagem e ainda contribuindo para a reprodução da vulnerabilidade social ao recriar ciclos de pobreza e exclusão. Isso não quer dizer que ocupações tenham sido, historicamente, a única a contribuir com o processo de criação e potencialização das enchentes/ inundações. Em que pese as especificidades de cada enchente ou inundação, o território de sua ocorrência, seu *tempo* e suas consequências, elas devem ser apreendidas também como resultado de uma série de decisões políticas (ou omissões) e de intervenções urbanas por parte dos agentes privados e dos poderes públicos, elemento fundamental a ser responsabilizado pelo processo que, numa sociedade de classes, representa os interesses das parcelas dominantes.

Em outras palavras, a canalização dos rios (ao alterar os cursos d'água e a dinâmica das várzeas e das planícies de inundação), a ocupação e a impermeabilização de áreas de drenagem e de proteção ambiental, os impactos ecossistêmicos decorrentes dos primeiros fatores, os interesses privados e as ações/ políticas (ou inações) dos agentes públicos na fiscalização e infraestruturação urbana contribuem para a transformação das cheias – consideradas naturais – em enchentes/ inundações, isto é, tornando-as capazes de gerar prejuízos materiais e humanos, impactando o meio de diversas maneiras: é a construção social das enchentes/ inundações.

A histórica ausência de planejamento que enfrentasse de forma integral a complexidade e as externalidades das diferentes regiões e demandas socioeconômicas da população, portanto, perfizeram (e ainda perfazem!) as contribuições para que as enchentes se tornassem (e ainda continuam sendo) um problema crônico em muitas

⁴⁸ Pessoa, D. F. O processo de retificação do rio Tietê e suas implicações na cidade de São Paulo, Brasil. *Paisagem e Ambiente* 30 (44) (2019). <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2019.158617>.

cidades do Brasil e do mundo, como as enchentes históricas ocorridas nas cidades São Paulo, no Rio de Janeiro, ou no Rio Grande do Sul, com destaque para a mais recente delas, em 2024; assim como as ocorridas em Valência, na Espanha, sendo a mais recente também em 2024⁴⁹.

Em 2022, segundo o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS)⁵⁰, existiam no país mais de 2,4 milhões de domicílios em áreas urbanas sujeitos ao risco de enchentes, o que correspondia a 4,3% dos domicílios aferidos, ao passo que para o estado de São Paulo, eram 263,8 mil domicílios na mesma condição, representando 1,9% do total de domicílios. No caso do município de Osasco, por sua vez, os dados revelaram, para o mesmo ano, que cerca 7,2 mil domicílios estavam sujeitos ao risco de enchentes, perfazendo 4,6% do total de domicílios, isto é, proporcionalmente superior ao índice nacional. Estes dados apenas reforçam a tese da inexistência de planejamento integrado para gerir as cidades, os serviços públicos e os direitos dos cidadãos que orbitam no entorno das águas.

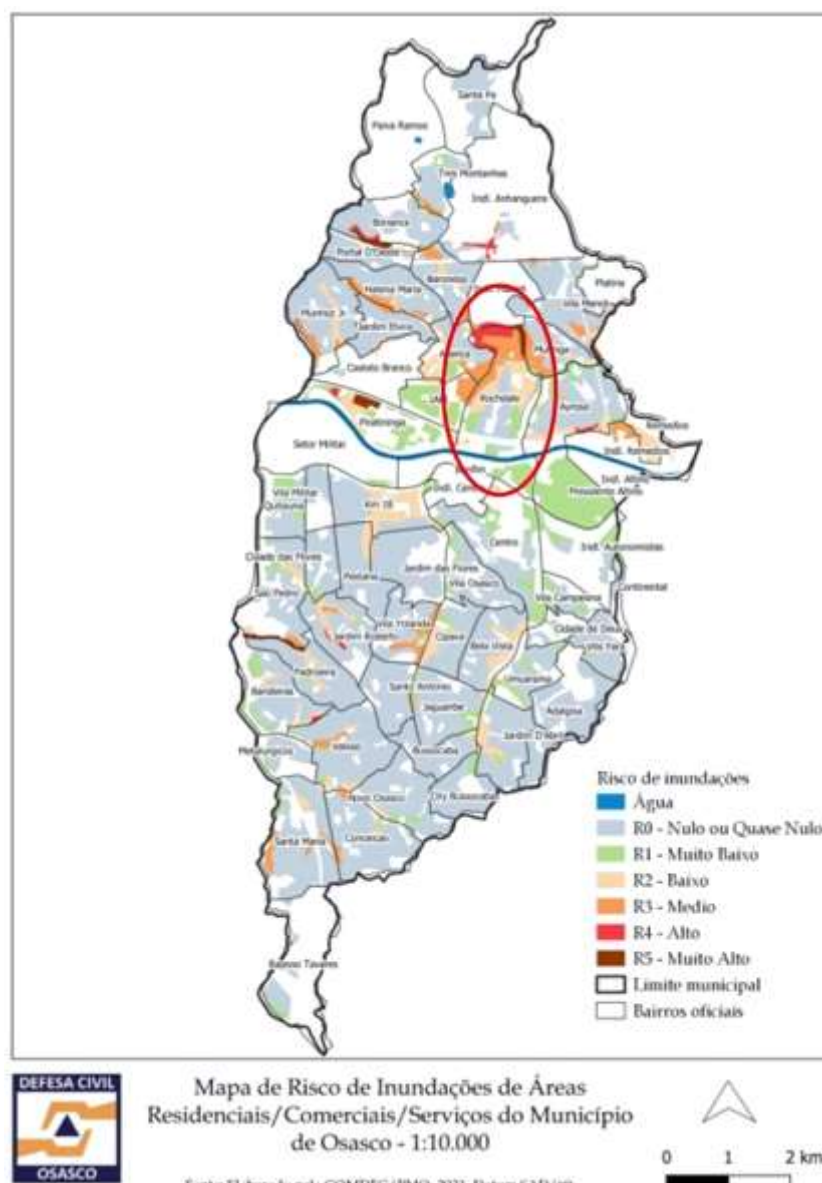
Em 2020, a Prefeitura e a Defesa Civil de Osasco elaboraram um estudo sobre as áreas de riscos do município, entre elas as sujeitas a inundações. Notadamente o bairro do Rochdale figurava entre as áreas mais críticas (em destaque na imagem a seguir), sob as classificações majoritárias de Médio, Alto e Muito Alto risco, como mostra figura abaixo.

Em geral, por mais que as enchentes/ inundações impactem o conjunto das áreas urbanas e sua vida socioeconômica, são sempre as comunidades mais vulneráveis, muitas vezes instaladas em áreas de risco, as mais impactadas. Essas populações, que já enfrentam condições precárias de vida, sofrem desproporcionalmente com suas consequências, da mesma forma que serão elas a sofrerem primeira e mais intensamente os efeitos da crise climática que tende a se intensificar em todo o mundo.

⁴⁹ No conjunto, contribuem ainda para a construção social das enchentes, o desmatamento, o descarte irregular de resíduos em vias públicas e cursos d'água, a falta de renovação/ manutenção da estrutura de drenagem urbana e de pontes, os tamponamentos de córregos, as mudanças climáticas, o setor privado que direciona/ interfere na regulamentação urbana e na especulação de terras, os poderes públicos e suas políticas públicas que se omitem ou não reconhecem a urgência das questões ambientais diante das mudanças climáticas (emissão de poluentes, uso do solo, ocupação, áreas verdes etc.).

⁵⁰ SNIS (Sistema Nacional de Informações do Saneamento). 2023. Diagnóstico Temático – Drenagem e Manejo das Águas Pluviais Urbanas. Brasília: Ministério das Cidades/ Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental (SNSA), p. 46.

Áreas com risco de inundações – Osasco - 2020



Fonte: Prefeitura do Município de Osasco e Defesa Civil de Osasco, 2023.

O ROCHDALE: DESIGUALDADES E ENCHENTES

Difícil delimitar com precisão o processo de dissolução da proposta cooperativista do Rochdale, o que abre espaço para futuros aprofundamentos. O que é possível indicar neste momento é que não há uma única explicação para tal processo, ao contrário, se vislumbra uma gama de fatores que compuseram essa trajetória, mas

todas vinculadas ao modo capitalista de se produzir e de se apropriar dos elementos naturais de forma desmedida: desde questões locais como o esfacelamento das relações econômicas entre a Companhia Construtora Osasco e a cooperativa; passando pela demanda crescente por serviços e infraestrutura ante à limitada oferta; a emancipação de Osasco e o comércio saindo do controle da cooperativa na região; da mesma forma que as áreas reservadas a obras por parte da cooperativa se tornando alvos de desapropriações pela Prefeitura; chegando a aspectos macroeconômicos, como o incremento industrial na grande São Paulo, como apontado, e a subida do custo de vida (aluguéis, por exemplo).

O que os dados permitem inferir neste momento foi que a intensificação da ocupação do Rochdale na segunda metade da década de 1980 se processou num momento de luta dos movimentos populares por moradia. Essa mobilização resultou em um cenário habitacional e populacional heterogêneo na região, caracterizado por alta densidade populacional. No início dos anos 2000, muitas moradias no bairro eram marcadas pela precariedade⁵¹.

Em 2023, existiam 13 favelas no bairro, cada uma com características próprias e problemas específicos. O abastecimento de água e a coleta de esgoto apresentavam uma situação precária e desigual, com algumas áreas recebendo abastecimento regular da Companhia de Saneamento do Estado de São Paulo (Sabesp), mas outras não. Em alguns pontos, o esgoto corria a céu aberto ao passo que moradias próximas aos córregos frequentemente lançavam seus resíduos diretamente nos cursos d'água, contribuindo para a poluição e os problemas ambientais na área e no rio Tietê, para onde as águas afluem. As imagens a seguir, distantes entre si 1,5 km, demonstram a desigualdade.

Entre os efeitos da carência infraestrutural, desta forma, estão as subidas das águas. Em 16 de dezembro de 2009, por exemplo, choveu na cidade de Osasco um volume de 53,8 milímetros (mm). Na ocasião, uma menina de 4 anos e um homem morreram vítimas das fortes chuvas que atingiram a zona Norte. A situação obrigou a prefeitura a mobilizar recursos para o atendimento dos desabrigados. Entre os

⁵¹ Silveira, G. B. R. 2024. O impacto das enchentes no bairro Rochdale (Osasco-SP). Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas - Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Política, Economia e Negócios, Osasco.

problemas detectados estavam bocas de lobos e galerias entupidas, que demandaram 300 trabalhadores da prefeitura, com 50 caminhões, 10 máquinas carregadeiras e 5 caminhões pipas para a limpeza, além da distribuição de cestas básicas realizada por 50 assistentes sociais⁵².

Duas cenas do mesmo bairro: avenida com infraestrutura e outra área localizada às margens do córrego – maio de 2025



Fonte: Avenida Campina Grande entre as ruas Águas da Prata e Porto Alegre, ao fundo o condomínio “Look Condomínio Clube”; ao lado, Avenida Cruzeiro do Sul com a Avenida Marginal. Fotos: Fábio Alexandre dos Santos.

Em 2018, outro exemplo da subida das águas no Rochdale. Na “véspera da Sexta-Feira Santa”, aponta o Jornal Folha de S. Paulo⁵³, uma chuva forte provocou inundações e quedas de árvores na RMSP, entre as regiões atingidas estava o bairro de Osasco, que ficou intransitável.

Em 2015, a Prefeitura Municipal de Osasco firmou convênio com o governo Federal para a urbanização do bairro, com o objetivo de melhorar sua infraestrutura e o saneamento, além de combater as enchentes na região. Dentre as intervenções estava a canalização do *braço morto do rio Tietê*, no trecho entre a avenida Presidente Kennedy e as proximidades do piscinão do Rochdale. O projeto também envolvia a recuperação ambiental de mais de 50 mil m² com o plantio de grama e mudas de diversas espécies de árvores, a construção de 200 unidades habitacionais para famílias que foram

⁵² Osasco Agora. Notas sobre as chuvas que atingiram o Jd. Rochdale e Jd. Baronesa. 17 de dezembro de 2009. Disponível em: <https://www.osascoagora.com.br/nota-sobre-as-chuvas-que-atingiram-o-jd-rochdale-e-jd-baronesa-em-osasco/>. Acesso em 22 de agosto de 2024.

⁵³ Folha de S. Paulo. Chuva provoca alagamentos, trânsito e derruba árvores na Grande São Paulo. 29 de março de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/chuva-provoca-alagamentos-transito-e-derruba-arvores-na-grande-sao-paulo.shtml>. Acesso em 22 de agosto de 2024.

removidas de áreas de risco do próprio bairro, além da regularização fundiária de 2.400 lotes.

Segundo o canal de notícias da prefeitura, o projeto estava orçado em R\$ 148 milhões, sendo R\$ 88 milhões oriundos de repasses do governo Federal e R\$ 60 milhões do município. A estimativa era que 70 mil famílias seriam beneficiadas diretamente e 200 mil indiretamente. Em maio de 2022, do total das obras projetadas, cerca de 56% estavam concluídas, ao passo que para finalizar a canalização do braço morto restavam 15% das obras⁵⁴.

Ironicamente, no início de dezembro de 2020 – durante a execução das obras –, uma matéria do Portal de Aquidauana intitulada “Chuva alaga obra de R\$ 106 milhões contra enchente em Osasco que deveria ser entregue em 2017” demonstra a dimensão do problema. Assim descreveu o periódico:

Iniciada em 2014 com o prazo de trinta meses para ser entregue, a canalização do córrego Baronesa conta com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento 2 (PAC) e deveria ter sido finalizada em 2017. O objetivo da obra era justamente acabar com as enchentes no bairro, que faz divisa com o Jardim Rochdale e é sempre um dos mais atingidos pelas enxurradas na Região Metropolitana de São Paulo.(...) o município de Osasco decretou ‘estado de calamidade pública’ e ainda conta os estragos da enxurrada. Entre os prejuízos do município está uma obra de combate às enchentes orçada em R\$ 106 milhões, que ficou completamente debaixo d’água no Jardim Baronesa. Segundo os moradores da área, a canalização foi várias vezes paralisada. (...) Os constantes atrasos impediram a finalização da obra e, com as chuvas desta segunda-feira (10), os prejuízos para a população devem ser ainda maiores, já que máquinas, equipamentos e materiais de construção foram cobertos ou carregados pela enchente⁵⁵.

A opção pela longa descrição da notícia se deve ao fato de ela simbolizar como os recursos materiais relativamente perdidos pela enchente podem ser categorizados como prejuízos públicos e privados, assinalando o processo histórico de construção social das enchentes/ inundações, assim como as inúmeras perdas de vidas nas diferentes ocorrências. E mais uma vez um argumento se repetiu, segundo o artigo: “[é

⁵⁴ Prefeitura do Município de Osasco. Urbanização Rochdale: 85% do Braço Morto do Tietê está canalizado. Osasco, 2022. Disponível em: <https://osasco.sp.gov.br/obras-de-urbanizacao-do-rochdale-avancam-e-85-do-braco-morto-do-tiete-esta-canalizado/>. Acesso em 10 de julho de 2024.

⁵⁵ Portal de Aquidauana. Chuva alaga obra de R\$ 106 milhões contra enchente em Osasco que deveria ter sido entregue em 2017. 12 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://portaldeaquidauana.com.br/noticia/8834-chuva-alaga-obra-de-r-106-milhoes-contra-enchente-em-osasco-que-deveria-ter-sido-entregue-em-2017>. Acesso em 22 de agosto de 2024.

necessário] alargar e aprofundar o trecho [da canalização], que é conhecido como ‘Braço Morto do Rio Tietê’, para dar mais vazão às águas da chuva”⁵⁶.

A resposta da Prefeitura para o ocorrido se deu por meio de nota divulgada à imprensa, a qual segue na sua íntegra:

A obra em questão integra o pacote de intervenções com recursos do PAC 2 (Plano de Aceleração do Crescimento), do governo federal. A obra estava paralisada aguardando transposição de recursos, tendo sido retomada há um mês. A situação ocorrida nessa madrugada é reflexo do transbordamento do Rio Tietê. Com o transbordamento do Tietê não há vazão para as águas do córrego. Assim que a situação estiver normalizada, as obras serão retomadas e têm prazo de 90 dias para a canalização. A obra em sua totalidade é complexa e depende, inclusive, da remoção de famílias que estão em áreas irregulares. Ressaltamos que trata-se de uma **situação atípica, provocada pelas fortes chuvas que transbordaram o Rio Tietê**. Após concluída, as obras beneficiarão centenas de famílias daquela região⁵⁷.

Contudo, em março de 2023, um novo registro de enchentes/ inundações ocorreu nos bairros Quitaúna (55,8 mm), Jardim Rochdale (59,8 mm) e Centro (54 mm), além das águas terem subido também em trechos da avenida dos Autonomistas, uma das principais da cidade⁵⁸.

Apesar de o bairro abrigar equipamentos públicos como creches, escolas municipais de ensino fundamental, escolas estaduais, Centro de Referência da Assistência Social, Hospital-Maternidade, Policlínica e um parque ecológico, por conta da densidade populacional, em 2022-2023, a disponibilidade dos serviços não atendia à totalidade das necessidades locais⁵⁹.

Diante da situação, a população desempenha um importante papel nas disputas por direitos junto aos poderes públicos para que atendam suas reivindicações. Em julho de 2022, por exemplo, algumas dessas vozes foram ouvidas pelo portal de notícias

⁵⁶ *Ibid*; Gazeta SP. Obra De R\$ 106 milhões contra enchente, prevista para 2017, segue atrasada em Osasco. 20 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.gazetasp.com.br/cotidiano/obra-de-r-106-milhoes-contra-enchente-prevista-para-2017-segue-atrasada-em-osasco/>. Acesso em 22 de agosto de 2024.

⁵⁷ *Ibid*, 2020. Grifo nosso.

⁵⁸ Webdiário. Enxurrada arrasta homem durante enchente em Carapicuíba. 15 de março de 2023. Disponível em: <https://webdiario.com.br/noticias/enxurrada-arrasta-homem-durante-enchente-em-carapicui-ba/>. Acesso em 11 de agosto de 2024.

⁵⁹ Santos, C. F. dos, Carpanelli, F. G. e Ferreira, J. A. Reassentamento de famílias no processo de urbanização de favelas: a experiência do conjunto habitacional de casas sobrepostas do Jd. Rochdale no município de Osasco/SP. Contemporânea – Revista de Ética e Filosofia Política 3, no. 5 (2023). <https://doi.org/10.56083/RCV3N5-015>.

Terra, cobrando a construção de Unidade Básica de Saúde (UBS) no bairro. No caso, questionavam a prefeitura sobre as razões de o prédio em que deveria abrigá-la ter sido ocupada pela Fábrica de Cultura do Rochdale, inaugurada dias antes. As falas dos moradores são sintomáticas da situação do bairro, que mesmo reconhecendo a importância do espaço cultural, destacavam que sem saúde não haveria como “sobreviver para estudar e trabalhar”, apontava um morador residente no Rochdale há 30 anos. Por outro lado, outros moradores afirmavam “que as atividades [culturais] podem ajudar a mudar um estigma do bairro: a região costuma ser noticiada apenas quando há casos de enchentes”⁶⁰.

Isto posto, a despeito dos serviços públicos existentes, em 2024 a região ainda padecia de investimentos e equipamentos urbanos que dessem conta de problemas estruturais criados historicamente pela sua urbanização desordenada, entre eles aqueles vinculados às enchentes ou inundações, a despeito de algumas obras estarem em execução.

Neste sentido, é óbvio e urgente que políticas públicas devem ser executadas de modo a enfrentar os problemas infraestruturais e sociais, de modo a melhorar a qualidade de vida dos moradores da região atendendo a seus direitos fundamentais. Porém, o outro lado da moeda das políticas públicas pode colocar em xeque o próprio direito de a população permanecer no local após suas conclusões. Em jogo está a espaço tornando-o por ‘território tornando-o atrativo e rentável para a reprodução de capital, e, por consequência, mais caro, expulsando a população atual por outras faixas sociais, capazes de arcar com os novos e crescentes custos da terra, dos aluguéis, dos serviços, isto é, gentrificando o bairro’⁶¹.

O tema não será explorado nos limites destas páginas, mas cabe indicar que tal fenômeno parece estar em formação na região devido à atração do capital imobiliário representado pelo interesse de incorporadoras/ construtoras pelo bairro ou por parte

⁶⁰ Terra. Moradores de Osasco cobram unidade de saúde no Rochdale, 27 de julho de 2022. Disponível em: https://www.terra.com.br/visao-do-corre/role-de-quebrada/moradores-de-osasco-cobram-unidade-de-saude-no-rochdale,4a877410cdef6c9973e3396eef9a68a7a19p58ma.html?utm_source=clipboard. Acesso em 21 de agosto de 2024.

⁶¹ A gentrificação é um processo de transformação de territórios, geralmente de classe trabalhadora, em áreas mais valorizadas e atraentes para classes sociais mais altas, caracterizado pela renovação e reabilitação de imóveis, aumento dos preços de aluguel e da propriedade; ela pode alterar o perfil demográfico da população local, “expulsando” antigos moradores e mudando significativamente a cultura e as dinâmicas sociais do bairro. Um processo contraditório, muitas vezes resultado de melhorias infraestruturais e ampliação dos serviços, mas que provoca injustiça social e desagregação de identidade comunitária, de acordo com Smith, N. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. 2007, p. 15-31.

dele. Na rua Águas de Prata, por exemplo, em meados de 2024 estava em estado adiantado de construção o “Look Condomínio Clube”, um condomínio com duas torres, quase como um território à parte da cidade, com lazer com piscinas, áreas esportivas (“fitness”), lounge bar, jardins, *garage band*, bicicletário, *deck* molhado, *playgroud*, praça central, *coworking*, *pet place*, salão de festas, *pet bath*, brinquedoteca, espaço gourmet, dentre outros espaços que intentam diferenciá-lo ante à concorrência, inclusive de outros bairros.

As obras de reurbanização do Rochdale ainda não estavam concluídas quando este artigo foi finalizado, porém a presença de obras como condomínios desta categoria e a verticalização que crescia no bairro parece evidenciar como o capital imobiliário vislumbra potencial econômico na região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As enchentes ou inundações, por mais que sejam fenômenos que não se repetem da mesma forma ou intensidade a cada ocorrência, possuem um aspecto que as define: são construídas socialmente, resultado de uma série de interferências humanas sobre o meio, cujos impactos invariavelmente se estendem tanto para as dimensões da vida material (pela obstrução na circulação, produção, pelos prejuízos públicos e privados), quanto pelas perdas de vidas, de aspectos culturais, simbólicas e ecossistêmicas que se espraiam sem controle.

No caso da região que abriga o bairro do Rochdale, assim como em outras inúmeras áreas sujeitas a cheias, as características geomorfológicas em geral ficaram em segundo plano. No Rochdale, vários outros fatores compuseram suas especificidades: a crença de que as águas em um rio sem meandros (canalizado) teriam fluidez e evitariam as enchentes, os interesses da Light na utilização das águas (dos rios Pinheiros e Tietê) para geração de energia hidrelétrica, a ocupação desordenada de áreas de preservação, de várzeas e de planície de inundação, desmatamento, impermeabilização, drenagem pluvial deficitária dentre outras intervenções. Só não consideraram que as águas encontram seus próprios caminhos sem nenhum pudor diante de possíveis obstáculos. Elas transbordam e, quando contaminadas, disseminam

doenças de veiculação hídrica, reproduzindo o ciclo de pobreza e desigualdade e, contraditoriamente, provocando absenteísmo e aumento nos custos com saúde pública. Mais subprodutos da construção social das enchentes.

Junto à materialização do fenômeno das enchentes/ inundações as águas também se ressignificam diante dos conflitos que se instauram, de elemento químico imprescindível à vida ela se torna o mal necessário enquanto fonte de alimentos, possibilidade de trabalho, recurso religioso etc.; quase um inimigo, então sujo, ameaçador da vida e do patrimônio, mas imprescindível. A “criação” do braço morto do Tietê é exemplar neste sentido, pois as águas contaminadas descartadas irregularmente continuaram a afluir ao rio Tietê, isto é, o bairro também passou a contribuir com a exportação de poluição à jusante. Assim, mesmo que as obras de canalização intentem minimizar ou resolver o problema das inundações, ainda há carência de serviços adequados de coleta e destinação dos esgotos, por exemplo.

No caso do Rochdale, um bairro com uma população heterogênea, mas com uma parcela considerável de pessoas em condições de vulnerabilidade, as políticas públicas então em execução parecem indicar uma melhoria nas condições de vida na região. Contudo, aí reside um dos grandes desafios a serem enfrentados através de políticas públicas, as quais devem ser pensadas integrando diferentes perspectivas e áreas, tendo como premissa o direito à cidade e à cidadania.

Não basta sanar o problema das enchentes com a canalização do *braço morto do Tietê*, há que estabelecer formas de manutenção do direito de a população lá residente permanecer se assim desejar, respeitando vínculos sociais e culturais no caso de se efetivar a valorização da região; o econômico não deve se sobrepor aos demais níveis de vida, sobretudo o ambiental em tempos de mudanças climáticas.

REFERÊNCIAS

Boelens, R., et al. Hydrosocial territories: a political ecology perspective. *Water International* 41, no. 1 (2016): 1-14. <https://doi.org/10.1080/02508060.2016.1134898>.

Bonduki, N. 2017. Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. 7.ed. São Paulo: Estação Liberdade.

Brasil. Lei Complementar nº 14, de 8 de junho de 1973. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp14.htm#:~:text=LEI%20COMPLEMENTAR%20N%C2%BA%2014%2C%20DE,%2C%20Curitiba%2C%20Bel%C3%A9m%20e%20Fortaleza. Acesso em 21 de agosto de 2024.

Brito, C. R. de. 2009. "Contribuição ao estudo do poder local em Osasco. Um estudo geográfico-político." Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Bucio, Y. M., and Urquijo, P. S. 2022. Ecologia política e história ambiental. In *Historia ambiental de América Latina: enfoques, procedimientos y cotidianidades*, edited by Pedro S. Urquijo, Adi E. Lazos, and K. Lefebvre. Morelia, Michoacán de Ocampo: Universidad Nacional Autónoma de México, Centro de Investigaciones en Geografía Ambiental.

Câmara Municipal de Osasco. s/d. Sonho parado no tempo. Disponível em: <https://www.osasco.sp.leg.br/sonho-parado-no-tempo>. Acesso em 22 de agosto de 2024.

Câmara Municipal de Osasco. s/d. (b). Rochdale é o bairro do progresso. Disponível em: <https://www.osasco.sp.leg.br/rochdale>. Acesso em 22 de agosto de 2024.

Cavalcanti, C. Concepções da economia ecológica: suas relações com a economia dominante e a economia ambiental. *Estudos Avançados* 24, nº 68 (2010). <http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n68/07.pdf>.

Constantino, W. 2009. A porção oeste da região metropolitana de São Paulo no contexto de descondensamento da metrópole – o surgimento de uma nova centralidade em Osasco. Dissertação (mestrado), Universidade de São Paulo, São Paulo.

Folha de S. Paulo. Chuva provoca alagamentos, trânsito e derruba árvores na Grande São Paulo. 29 de março de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/chuva-provoca-alagamentos-transito-e-derruba-arvores-na-grande-sao-paulo.shtml>. Acesso em 22 de agosto de 2024.

Gazeta SP. Obra De R\$ 106 milhões contra enchente, prevista para 2017, segue atrasada em Osasco. 20 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.gazetasp.com.br/cotidiano/obra-de-r-106-milhoes-contr-enchente-prevista-para-2017-segue-atra/1073506/>. Acesso em 22 de agosto de 2024.

Hagope Garagem. Propaganda de lançamento imobiliário do Rochdale. Disponível em: http://www.hagopgaragem.com.br/osasco_bairros.html#ancora46. Acesso em 19 de agosto de 2024.

Harvey, D. 2005. *Produção capitalista do espaço*. Trad. São Paulo: Annablume.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo de 2010. 2011. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/inicial>. Acesso em 21 de agosto de 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo de 2022. 2024. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2022/primeiros-resultados-populacao-e-domicilios>. Acesso em 11 de novembro de 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Favelas e comunidades urbanas. Notas metodológicas nº1. 2024b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102062>. Acesso em 18 de setembro de 2024.

Jorge, J. 2006. Tietê. O rio que a cidade perdeu. São Paulo: Alameda/Fapesp.

Koselleck, R. 2006. em História dos conceitos e história social, Rio de Janeiro: Contraponto/ Ed. PUC-Rio.

Kowarick, L. 2000. Escritos urbanos. São Paulo: Editora 34.

Kowarick, L. 2009. Viver em risco. Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. São Paulo: Editora 34.

Maia, A. C. N., e Sedrez, L. Narrativas de um Dilúvio Carioca: memória e natureza na Grande Enchente de 1966. História Oral 14, no. 2 (2011). <https://doi.org/10.51880/ho.v14i2.239>.

Mapa de Hidrografia de Hipsometria do Município de Osasco. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/uso-do-solo-urbano-rea-de-estudo-osasco-sp/137783270>. Acesso em 19 de agosto de 2024.

Martinez, P. H. 2006. História ambiental no Brasil. Pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez.

Mendes, L. F. G. As novas fronteiras da gentrificação na teoria urbana crítica. Cidades 12, no. 20 (2021): 223-247. <https://doi.org/10.36661/2448-1092.2015v12n20.11961>.

Neto, H. K. s/d. História e Informações dos Bairros de Osasco. Hagop Garagem. http://www.hagopgaragem.com.br/osasco_bairros.html#ancora46.

Oliveira, E. Economia verde, economia ecológica e economia ambiental: uma revisão. Revista Meio ambiente e sustentabilidade 6, vol. 13 (2017). <https://doi.org/10.22292/mas.v13i6.751>.

Oliveira, F. de. 2013. Crítica à razão dualista. O Ornitorrinco. Boitempo.

Osasco Agora. Notas sobre as chuvas que atingiram o Jd. Rochdale e Jd. Baronesa. 17 de dezembro de 2009. Disponível em: <https://www.osascoagora.com.br/nota-sobre-as->

chuvas-que-atingiram-o-jd-rochdale-e-jd-baronesa-em-osasco/. Acesso em 22 de agosto de 2024.

Pádua, J. A. As bases teóricas da História Ambiental. *Estudos Avançados* 24, no. 68 (2010). <https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000100009>.

Pereira Neto, M. L. A greve de 1968 em Osasco: mito, memória e história, no prelo.

Pessoa, D. F. O processo de retificação do rio Tietê e suas implicações na cidade de São Paulo, Brasil. *Paisagem e Ambiente* 30 (44) (2019). <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2019.158617>.

Portal de Aquidauana. Chuva alaga obra de R\$ 106 milhões contra enchente em Osasco que deveria ter sido entregue em 2017. 12 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://portaldeaquidauana.com.br/noticia/8834-chuva-alaga-obra-de-r-106-milhoes-contr-enchente-em-osasco-que-deveria-ter-sido-entregue-em-2017>. Acesso em 22 de agosto de 2024.

Prefeitura do Município de Osasco. Mapa de Zoneamento. Disponível em: https://transparencia.osasco.sp.gov.br/pdf/20240131132048LC%20431_2024%20-%20Mapas%20e%20Quadros.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2024.

Prefeitura do Município de Osasco. 2012. Realizações e perspectivas 2. Uma cidade cada dia melhor. Osasco: Prefeitura do Município de Osasco.

Prefeitura do Município de Osasco. Urbanização Rochdale: 85% do Braço Morto do Tietê está canalizado. Osasco, 2022. Disponível em: <https://osasco.sp.gov.br/obras-de-urbanizacao-do-rochdale-avancam-e-85-do-braco-morto-do-tiete-esta-canalizado/>. Acesso em 10 de julho de 2024.

Prefeitura do Município de Osasco e Defesa Civil de Osasco. 2023. Plano Municipal de Redução de Risco. Osasco: PMO/ Defesa Civil.

Revista Osasco. Revista mensal de informação, publicidade e promoção da cidade trabalhado. Ano I, nº 1, (1963). Disponível em: http://www.hagopgaragem.com.br/revista_osasco_1.html. Acesso em 20 de julho de 2023.

Santos, C. F. dos, Carpanelli, F. G. e Ferreira, J. A. Reassentamento de famílias no processo de urbanização de favelas: a experiência do conjunto habitacional de casas sobrepostas do Jd. Rochdale no município de Osasco/SP. *Contemporânea – Revista de Ética e Filosofia Política* 3, no. 5 (2023). <https://doi.org/10.56083/RCV3N5-015>.

Santos, F. A. dos. 2011. Domando águas. Salubridade e ocupação do espaço na cidade de São Paulo, 1875-1930. São Paulo, Alameda/ Fapesp.

Santos, F. A. dos. 2014. Inundações na cidade de São Paulo: uma construção social. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n.62, p. 15-22, Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/publicacoes/revistas/historica62.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2015.

Santos, F. A. dos. 2015. As inundações na região central da cidade de São Paulo. Dinâmicas e significações (1850-1922). In: Jorge, J. (org.). Cidades paulistas. Estudos de história ambiental urbana. São Paulo: Alameda/ Fapesp.

Santos, F. A. dos. 2021. Aguas, energía eléctrica e inundaciones en la ciudad de São Paulo. Un análisis del 'Informe de la Comisión Especial para Estudios de las Inundaciones de rio Tietê y sus afluentes' (1899-1963). En Rückert, F. Q; Santos, F.A. dos; Banzato, G. (coords.). Aguas y políticas públicas em Argentina, Brasil y México. Jaén: Editorial Universidad de Jaén.

Santos, M. 1994. A urbanização brasileira. 4.ed. São Paulo: Hucitec.

São Paulo. Lei nº 5.121, de 31 de dezembro de 1958. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1958/lei-5121-31.12.1958.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2024.

Saraiva, C. e Marques, E. 2005. A dinâmica social das favelas da Região Metropolitana de São Paulo. In: Marques, E.; Campos, H. (org.) São Paulo. Segregação, pobreza e desigualdades sociais. São Paulo: Senac.

Saraiva, C. e Marques, E. 2011. Favelas e periferias nos anos 2000. In: Kowarick, L. São Paulo: novos percursos e atores. Sociedade, cultura e política. São Paulo: Editora 34.

Seabra, O. C. de L. 1987. Os meandros dos rios nos meandros do poder. Tietê e Pinheiros: valorização das várzeas na cidade de São Paulo. São Paulo: Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Silveira, G. B. R. 2024. O impacto das enchentes no bairro Rochdale (Osasco-SP). Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas – Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Política, Economia e Negócios, Osasco.

Smith, N. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. GEOUSP – Espaço e Tempo, n.21 (2007).

SNIS (Sistema Nacional de Informações do Saneamento). 2023. Diagnóstico Temático – Drenagem e Manejo das Águas Pluviais Urbanas. Brasília: Ministério das Cidades/ Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental (SNSA).

Souza, C. 2007. Estado da arte da pesquisa em políticas públicas. In: Hochman, G.; Arretche, M. e Marques, E. (org.). Políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Spinazzola, P. C. S. 2008. Impactos da regularização fundiária no espaço urbano. São Paulo: Dissertação (Mestrado), FAUUSP.

Swyngedouw, E. Modernity and Hybridity: Nature, Regeneracionismo, and the Production of the Spanish Waterscape, 1890-1930. Annals of the American Association

of *Geographers* 89, no. 3 (1999), p. 443-465.
<https://www.jstor.org/stable/2564492?origin=JSTOR-pdf>.

Szmrecsányi, T. Fundamentos teóricos e metodológicos do estudo da história econômica. *Revista de História Econômica e História de Empresas*, n. XI, 2 (2008).
<https://doi.org/10.29182/hehe.v11i2.18>.

Terra. Moradores de Osasco cobram unidade de saúde no Rochdale, 27 de julho de 2022. Disponível em: https://www.terra.com.br/visao-do-corre/role-de-quebrada/moradores-de-osasco-cobram-unidade-de-saude-no-rochdale,4a877410cdef6c9973e3396eef9a68a7al9p58ma.html?utm_source=clipboard. Acesso em 21 de agosto de 2024.

Tsutsui, H. K., and Empinotti, V. L. A água como híbrido: uma estrutura de análise a partir do enfoque hidrossocial. *Desenvolvimento e Meio Ambiente* 61 (2023), p. 496-512.
<https://doi.org/10.5380/dma.v61i0.81060>.

Webdiário. Enxurrada arrasta homem durante enchente em Carapicuíba. 15 de março de 2023. Disponível em: <https://webdiario.com.br/noticias/enxurrada-arrasta-homem-durante-enchente-em-carapicuib/>. Acesso em 11 de agosto de 2024.

Worster, D. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*, n.8, vol. 4 (1991).
<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2324/1463>.

The Tietê River, Rochdale (Osasco) and the Social Construction of Floods: a Trajectory, many Challenges (1951-2023)

ABSTRACT

The objective of this research was to understand the social construction of floods in the Rochdale neighborhood (Osasco), São Paulo state (Brazil) between 1951 and 2023, capturing its impacts and challenges. Against the backdrop of the country's industrialization process and its concentration in Greater São Paulo, combined with the attraction of workers to industry, the growing and disorganized urbanization took on problematic dimensions. During this period, the neighborhood on São João Island was divided into lots and occupied. The then-Rochdale subdivision, conceived as a cooperative neighborhood, was transformed by capitalist appropriations that shaped it under the ordering of accumulation and the representation of inequality inherent to capitalism, and within it, the problem of flooding grew. To this end, the historiography on the themes involved in the problematization, as well as primary material such as legislation and periodicals (newspapers and magazines), were analyzed. The findings demonstrate the social construction of floods, based on human and material losses, the urgency, and the implementation of public policies to address them. While these policies do not resolve the incidents, they appear to introduce initial indications of a possible gentrification process in the region resulting from government action in addressing the floods.

Keywords: Osasco, Rochdale, floods, social construction of floods.

Recibido: 18/08/2025
Aprobado: 09/04/2026